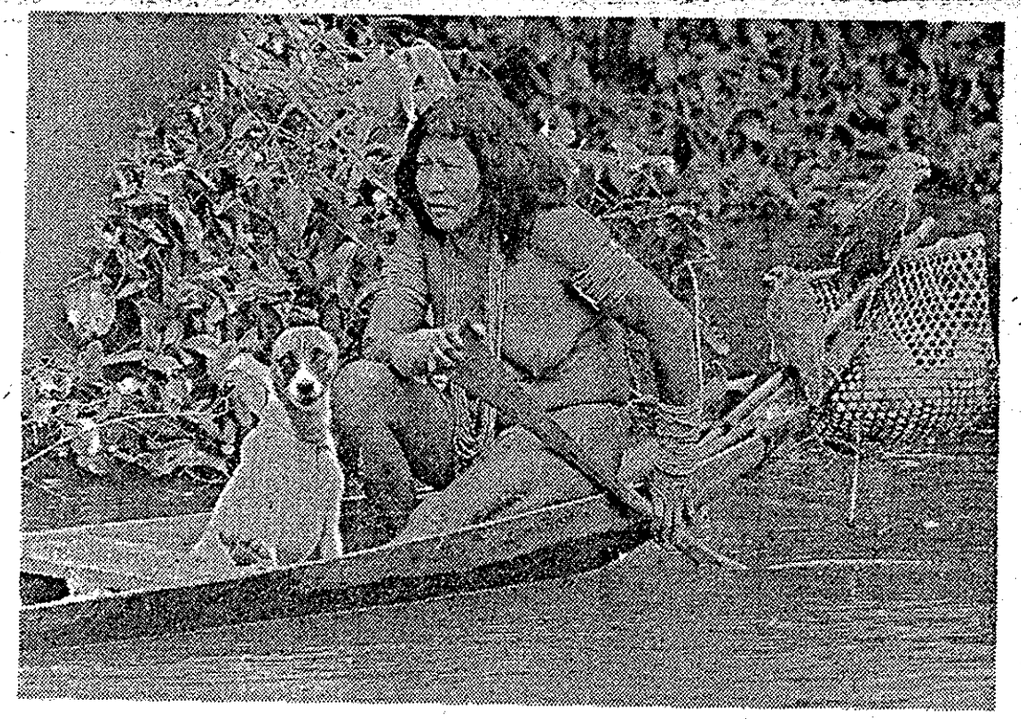
Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte O Globo
Data 18/06/73 Pg
Class. 02



Os Apalai estão reduzidos a uma centena de pacíficos pescadores em constante migração

# Os valentes guerreiros Apalai agora são apenas pescadores

Aldeia de Bona — Pará
(Dos enviados especiais de O GLOBO)

Nas publicações antigas, os Apalai eram pintados como temíveis guerreiros. Hoje, porém, eles estão bastante mudados: em vez de guerrear, dedicam-se à caça e à pesca.

Dos altivos guerreiros com terras infindáveis que iam desde a confluência do Rio Paru com o Amazonas até o Rio Jari, os Apalai contatados pela Fundação Nacional do Índio não passam hoje de uma centena de pessoas e, aos poucos, estão se misturando com os índios Waiana, seus antigos adversários nas lutas tribais.

Essas e outras observações foram colhidas pelo antropólogo Hélio Rocha, durante a expedição realizada dentro do plano de apoio à construção da Rodovia Perimetral Norte e destinada a localizar as tribos indígenas existentes entre os Rios Citaré e Paru.

As terras dos Apalai e Waiana, situadas dentro do Parque Indígena do Tumucumaque, localizadas entre os quilômetros 500 e 600 da futura estrada, estão a uma distância de aproximadamente 420 quilômetros da cidade de Santarém.

## Resultados

Ao todo, a expedição consumiu quinze dias para seus trabalhos, facilitados em conseqüência da localização de todas as aldeias dos Apalai e Waiana, sempre nas margens dos Rios Paru e Citaré. O primeiro resultado foi a escolha da Aldeia de Bona, a base da expedição, para sede do Posto Indígena da Funai, pois ali já existe um campo de pouso construído recentemente pela FAB, permitindo a operação de diversos tipos de aeronaves.

A localização das aldeias ao longo dos rios levou onze dias de viagem tanto pelo Paru como pelo Citaré, afluente do primeiro.

A instalação do Posto Indígena em Bona, a existência de uma missão do Summer Institute e o campo de pouso constituíram um atrativo para os 160 índios localizados naquela área, que já estão se mudando para Bona, voluntariamente. Isso, de certa forma, virá facilitar a assistência, embora a aldeia deva ficar muito próxima do traçado da futura BR-210, o que preocupa o pessoal da Funai.

Bona será a segunda frente constituída no traçado da Rodovia Perimetral Norte. A primeira ficará no Território do Amapá, às margens do Rio Mapari, onde estão localizados os índios Uiapii, contatados por uma expedição chefiada pelo sertanista Fiolrelo Parise. A presença do órgão governamental na área é para proteger os índios, evitando contatos eventuais com os trabalhadores. Segundo Hélio Rocha, "por toda a construção da estrada, que tem 2 530 quilômetros de extensão, a Funai estará sempre acompanhando os trabalhos".

## Posto

O Posto Indígena de Bona será chefiado pelo sertanista Elói José da Silva Lima, um carioca de 22 anos, nascido no Lins, que trocou o curso de Administração na Fundação Getúlio Vargas pelo trabalho junto aos índios. Quando chegamos a Bona, ele já estava lá, encarregado dos preparativos da expedição pelos rios Paru e Citaré.

Elói é casado e espera levar logo sua esposa, a jovem Marena, de 21 anos, para Bona. Ele diz:

— Vim aqui em busca de um ideal. Sempre quis trabalhar para os índios. Na cidade, apesar de estar no último ano do Curso de Administração, tendo feito alguns estágios em empresas importantes, não encontrava muita motivação para o meu trabalho. Achei muito mais válido me dedicar ao índio do que ficar perdendo tempo com papéis.

Elói sabe das dificuldades que vai encontrar em sua missão, mas diz que está tão entusiasmado como quando leu, num jornal, o anúncio da Funai, convocando universitários para o curso de Técnico Indigenista, no ano passado.

Depois de aprovado, foi designado para estagiar no Posto de Gorotire, seguindo-se outro estágio em Mologopote. E, agora, seu primeiro trabalho sozinho será a chefia do Posto de Bona, que ele vai criar.

— Ficarei aqui durante três anos — diz Elói Lima — tempo em que decidirei o que fazer no futuro, pois minha matrícula ficou trancada na Faculdade. Aí, então, verei se realmente é isso o que eu quero.

Sua esposa, Marena, é estudante de Antropologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. "A sua estada aqui será de muita utilidade para o seu curso" — observa Elói:

Durante a expedição, além do levantamento populacional, localização no mapa das aldeias e outras informações, Elói também se dedicava a adquirir para a Funai artesanato indígena dos **Apalai** e **Waiana**, não só para o Museu do Índio, como também para venda, através das lojas da entidade, existentes nos aeroportos.

O produto dessa venda é creditado aos índios, que adquirem, através da Funai, o que precisam.

Quando regressou a Belém, além de uma carga de dezenas de quilos, Elói levava uma extensa lista de pedidos de compra dos índios, tais como panelas, chinelas havaianas, panos, facas e outros utensílios domésticos.

## Trabalho

Além da chefia da expedição, Hélio Rocha tinha a seu encargo o trabalho científico, fazendo o levantamento antropológico inicial dos índios das duas tribos. É um trabalho que requer muita paciência, pois os índios são reticentes e é demorado o processo de captação das informações com a pessoa certa.

Com os chefes ou "capitães", Hélio colhia as informações iniciais, mas era com os velhos que ele ia extrair as histórias, saber da organização política da tribo, sua maneira de viver, hábitos e costumes. As indagações não eram diretas, mas feitas com bastante habilidade, e as conversas sofriam constantes interrupções. Prosseguiam depois com outros enfoques, para não se demonstrar ao índio o interesse no assunto, porque aí ele se torna arredio.

Os Apalai e Waiana são pacíficos, apesar de algumas aldeias viverem isoladas. Como alguns índios já falavam o português, o trabalho de Hélio Rocha se tornou mais fácil.

Como os índios não têm escrita, um deles é escolhido para ser o repositório das histórias e fatos ocorridos, transmitindo, depois, para outro, e assim, sucessivamente. E o velho guerreiro Arayban, o "historiador" dos Apalai, gostava muito de conversar, embora não contasse sempre aquilo que o antropólogo desejava.